



MÁRIO PORTUGAL

Exposição de Pintura

30 de Abril de 2016

EUROGALERIA

Av. Do Brasil, 270 - Porto

PARA MÁRIO PORTUGAL

Porto, Abril de 2016

Isabel Pereira Leite

O pintor pinta-se a si próprio. Cada marca na tela é um pedaço de si mesmo. Será que o sabe?

É sempre uma questão de Alma. Convocados os sentidos, ele deixar-se-á levar. Pegará na memória, que sabe de cor, e aproximar-se-á daquela mancha branca. Embora aparentemente igual a infinitas outras, não o é, porque desde o primeiro olhar ensimesmado daquele homem tornado pintor, se transformou no seu espaço favorito. Na verdade, foi a sua maior conquista. Dele e de mais ninguém.

Quando é que isso aconteceu? Ele só tem a certeza de que quando chegou o momento de fazer o reconhecimento desse espaço, ficou a saber que lhe pertencia como pouca coisa mais. Pertença sua, primeiro. Dos demais, depois. Sempre depois.

Foi um dia, já há muito tempo. Estava em casa. Decidiu sair. Fechou a porta. Ainda não era altura para metamorfoses. No dia seguinte. Depois. Quando tivesse de ser. Poderiam, até, passar-se longos meses. Anos. Ou não. É que o processo não depende só da vontade. Envolve mistérios, e o homem sabia disso. Melhor, pois, seria esperar; aguardar.

Era cedo, quando avançou o passeio e, atravessando, se viu junto de um portão, já do outro lado. Sentia que precisava de respirar. Embora não o soubesse ainda, esse seria o dia prodigioso que o levaria a avançar pelo mundo adentro.

Com algum esforço, pode ser reconstituído. Assim sendo, atentemos num homem que desce devagar a encosta, que lhe reconhece os passos, e que se aproxima do rio. Percorre-o com o olhar e descobre algo que até então não tinha visto. Será isso possível? É um lugar que conhece como as suas mãos. Talvez assim possa ser, já que se alguma coisa vive, desde sempre, dentro dele, é o tempo. Aquilo de que ele nem sempre se apercebe é que a máxima qualidade do tempo, que nunca volta atrás, lhe permite, tendo fixado já mil vezes o olhar naquele específico detalhe da ponte, ver, agora, o que nunca tinha visto anteriormente. Tudo é diferente. Inevitavelmente diferente. E novo, também.

O que vê, mais ninguém vê, porque a diferença está nele; no que sente; no que imagina; no que apreende. O hoje nunca pode ser como o ontem, do mesmo modo que sempre será diferente do amanhã. Na verdade, estranho seria se assim não fosse. Tal como o leitor escreve para que seja possível (Manuel Gusmão), o pintor pinta para que também o seja. Num caso ler; noutra, ver; embora, não raro, sejam o mesmo.

Porém, o homem ainda não se apercebeu do que é capaz. Pensa, ainda que é dia de não ver; de não imaginar. É dia de sentir e de pensar de outra maneira – é dia de recordar. De pegar no tempo e de o lembrar em forma de destino, que é o mesmo que Fado.

Fado: suga, agarra, atrai e não larga, como faz o eucalipto ao que o rodeia. Cravado, gravado na Alma daquele homem, não o deixa escapar. De resto, nem ele o quererá, porque é pedra angular do seu sentir.

Uma saudade imensa do que foram os seus anos de criança, perto do mar; de efabulações; de encantamento. Daquilo que viveu e não esquece. A nostalgia, porém, não é tónica; talvez mote porque cada momento vivido deixa a sua marca e ele é um guardador de emoções.

Imparável é o turbilhão de memórias que se sucedem – ficou-lhe, sem dúvida, o gosto pela magia, pelo movimento, pela cor, pela alegria do circo. No seu imaginário continuam presentes. Agrade-lhe aquela excitação em mil e um tons.

Arlequim e Columbina. Columbina e Arlequim. Amor. Paixão. Coração. Sofrido enamoramento, ou antes ingénuo encantamento?

Lentamente, o homem dobra a esquina, deixando o rio para trás. Vai-se aproximando da porta que horas antes abrira para sair. Já é noite. Ouve, bem perto dali, uma voz um pouco insegura. Cativa-o e prende a sua atenção. Uma voz, uma guitarra, uma serenata. O vulto de mulher que vislumbra à janela tanto pode ser o de uma musa do seu próprio passado, como o de uma mulher a quem se rendeu um qualquer coração apaixonado.

Ontem, como hoje, valerá a pena amar? Amar muito e perceber que amar e sonhar rimam sempre, independentemente do querer da mulher amada da qual se faça o retrato? Quem não me deu amor não me deu nada (Rui Cinatti) – amar, pois; amar sempre. Dar de si já é amor.

O homem, regressado a casa, depois de mais uma vez ter subido a encosta escarpada, vai dar-se conta de que a sua Alma, a sua grande Alma precisa de se abrir e de se revelar.

Qual dos quatro elementos será o mais importante para o pintor? A Água? Presente, depois, em tantas das suas telas é rio e é mar. É barco, rede, pescador, viúva, criança sem pai. É atração, e também é pão. Provimos do mar – as profundezas encerram o segredo dos primórdios. Um dia, todos vamos sabê-lo.

Entretanto, o pintor conjetura e pensa nele próprio, na sua essência. Quantas vezes se sentiu a arder por dentro? A vontade tomada por uma necessidade indómita de expressar as paixões da

Alma está na génese dos tons de fogo misturados por pincéis incandescentes, ao rubro... Os amantes são assim. Talvez o pintor, afinal, prefira o Fogo.

Ou talvez não. E se for o Ar? O ar que nos alimenta o respirar? O ar que também é voz. A tal voz ancestral – a da saudade do que fomos; do que nunca fomos nem seremos; do que cada um entende por destino que deverá cumprir? O ar, entre risos contagiosos. O ar, entre soluços desarmantes. O ar, de olhar o céu tão longe e tão perto. Que vida há para além do ar? Uma Vida Eterna?

Há mais de 2000 anos, Alguém, feito Filho d'O que é eterno, e eterno por Si, veio garantir-nos isso. O pintor acredita. Entende que a Terra é sagrada. Eis o último dos quatro elementos – Terra. Terra imemorial, mítica ou real; lugar que o pintor habitará e que, por uma força indomável, o atrai. Existe uma lei universal, por isso a vida, nas suas incomensuráveis existências, se agarra a ela.

É dessa vida que o pintor se apropria de uma forma apetecida, simultaneamente lisa e tatuada, própria de quem ama o que ela representa – um dom inigualável. O que teria sido dele se naquele dia, há tanto, tanto tempo, não tivesse abraçado a tela branca e deixado que lhe recebesse a Alma?

Há um quinto elemento ligado aos outros quatro. De uma forma íntima e profunda, traduz o mundo do pintor: é a Arte. São as telas, as paletas, os pincéis, sem os quais não vive. E como é profundamente rica a vida do pintor. Mesmo que outras se esfumem no tempo, a do pintor permanecerá, porque se pinta a si próprio.

Também por isso está lá sempre o seu nome: Mário Portugal.